



Cachimbos de Alagoinhas. Number 19 1963

Azevedo, Thales de; Azevedo, Maria David de
[Madison, Wisconsin]: Society for American Archaeology and the
University of Wisconsin Press, 1963

<https://digital.library.wisc.edu/1711.dl/LSUFRWHZ5MKO58B>

<http://rightsstatements.org/vocab/InC/1.0/>

For information on re-use see:

<http://digital.library.wisc.edu/1711.dl/Copyright>

The libraries provide public access to a wide range of material, including online exhibits, digitized collections, archival finding aids, our catalog, online articles, and a growing range of materials in many media.

When possible, we provide rights information in catalog records, finding aids, and other metadata that accompanies collections or items. However, it is always the user's obligation to evaluate copyright and rights issues in light of their own use.

Archives of Archaeology

Number 19

CACHIMBOS DE ALAGOINHAS

Thales de Azevedo

e

Maria David de Azevedo

1963

EDITORS OF THE SERIES

David A. Baerreis, Chairman
Stephen F. De Borhegyi
Thomas N. Campbell
John B. Rinaldo
John J. Solon

University of Wisconsin
Milwaukee Public Museum
University of Texas
Chicago Natural History Museum
University of Wisconsin Press

UNIVERSIDADE DA BAHIA
FACULDADE DE FILOSOFIA

1^a cadeira
de
Antropologia e Etnografia

C A C H I M B O S
D E
A L A G O I N H A S

Thales de Azevedo
e
Maria David de Azevedo

III Congresso Brasileiro de Folclore, IBECC
Bahia, Julho de 1957

EDITOR'S NOTE

Early in 1961 when this editor was visiting in Brazil, he had an opportunity to discuss with Professor Thales de Azevedo of the Universidade da Bahia the implications of a study that he had prepared on the pottery pipes manufactured in rural areas of the State of Bahia. This paper had been read before a conference on folklore in 1957 but was still unpublished. At that time I offered the facilities of our series, ARCHIVES OF ARCHAEOLOGY, as a medium by which this material could be made more generally available to the scholarly community.

While such a study is more properly folklore or ethnology, archaeologists of the New World have quite properly regarded the boundary lines between such disciplinary areas and their archaeological investigations as arbitrary ones. Archaeological materials must be interpreted in the light of data from living cultures. Such pipes, for example, have been found in archaeological contexts in the State of Bahia so that the present discussion is extremely illuminating in regard to them.

It seems appropriate to take this opportunity to remind the users of the ARCHIVES OF ARCHAEOLOGY series that we would welcome other reports of an ethnological or ethnohistorical character that can serve to build a firmer understanding of the prehistory of the New World.

David A. Baerreis,
Editor

I N T R O D U Ç Ã O

A arte popular acompanha geralmente aqueles ramos de atividade manufatureira em que o grupo alcançou maior perfeição técnica. A relativa universalidade de participação dos membros de um grupo mais ou menos homogêneo em determinada habilidade permite a manifestação artística daqueles indivíduos dotados de capacidade criadora que, numa sociedade mais heterogênea e discriminadora, teriam reduzidas as suas oportunidades por força da especialização funcional exigida dos membros de cada uma das suas subdivisões sócio-econômicas.

A indústria da cerâmica de barro cosido tem na Bahia uma grande importância utilitária pelo largo uso dos utensílios feitos com esse material. Os utensílios que essa indústria traz às feiras e mercados de todo o Estado, inclusive da Capital, são usados principalmente pelas camadas economicamente inferiores da população mas se estendem às camadas médias e altas.

Esse caráter largamente utilitário, a simplicidade do instrumental empregado em seu fabrico e a relativa facilidade de obtenção da matéria prima fazem com que, na Bahia, essa indústria popular tenha alcançado uma elaboração técnica e uma riqueza tipológica e estilística sem paralelo entre as atividades congêneres do Estado.

Para os fins desta comunicação convenhamos em distinguir três ramos fundamentais na produção de cerâmica de barro cosido entre nós:

I - o fabrico de produtos pesados para a construção civil e outras utilizações, tais como telhas, tijolos, lajotas para pavimentação, chapas para fôrnos de farinha etc.; essas peças, não constituindo unidades utilitárias em si mesmas porém elementos integrativos de unidades de outras categorias, obedecem a padrões que, por motivos óbvios, não comportam variações tipológicas.

Mas isto não excluiria de todo a presença de elementos decorativos nesse ramo da produção de cerâmica. Aquela ausência talvez resulte do fato de nossa arquitetura popular tradicional não incluir o tratamento em si da superfície dos pisos de tijolos ou lajotas e dos telhados como elementos decorativos da obra; no caso dos últimos os efeitos estéticos são obtidos através acabamentos de beirais, cumieiras, ângulos e arestas a cargo do construtor.

Além disso, a necessidade de produção em grande quantidade contribui para uma mecanização e automatização de gestos que dispensa maior habilidade artesanal do executante e afasta as expressões artísticas de caráter pessoal. É assim que as olarias nunca a brigam, ao lado da indústria daquêles elementos (telhas, tijolos, manilhas etc.), qualquer tipo de produção artesanal em que se possam manifestar motivos artísticos ou mesmo virtuosismos técnicos.

II - a produção de vasilhame doméstico, pelos dois processos mais frequentes entre nós, e do torno e o da moldagem pelo rôlo. Do ponto de vista das possibilidades de comportarem expressões artísticas, essas peças se caracterizam fundamentalmente por constituirem unidades em si mesmas, o que permite uma ampla manifestação de motivos decorativos. Todavia essas possibilidades são limitadas pelas exigências do uso utilitário desse vasilhame (moringues, potes, purrões, panelas, gamelas, caborés, pratos, alguidares, vasos para plantas etc.) e por fatores de ordem social e econômica que reduzem a difusão de suas técnicas: o alto custo e a exigência de grandes quantidades de matéria prima; a necessidade de um instrumental caro como um fôrno capaz de conter numerosas peças de tamanho relativamente grande, o torno, etc.; a mão de obra auxiliar para a mistura e amassamento do barro, o cosimento e transporte dentro da própria olaria e outras tarefas; espaço para armazenamento da produção e transporte da mesma para os centros de consumo.

No caso do torno há que considerar que essa técnica em si mesma já limita a variação dos tipos, determinando a forma básica das peças; a complexidade, o tamanho e o preço do torno também reduzem as possibilidades de difusão do seu manejo, além de que o esforço físico exigido por este torna-se em uma técnica preponderantemente masculina embora no trabalho de confecção se reservem à mu-

lher as tarefas de tratamento de superfície das peças.

III - a cerâmica de peças miúdas, - figuras humanas e de animais, apitos, castiçais e cachimbos ou pitos. Essa confecção se caracteriza pela técnica da modelagem e exige instrumentos e quantidades de matéria prima econômica mente mais accessíveis, o que permite a um número relativamente elevado de indivíduos exercitarem-se naquela habilidade. A natureza da técnica empregada e as categorias de peças confeccionadas possibilitam mais liberdade de expressão da parte dos fabricantes.

X X X

Na comunicação presente nos limitaremos ao estudo da cerâmica miúda, especialmente dos cachimbos, produzidos em Estêvão um dos seus principais centros no Estado da Bahia. A importância desse centro deriva do extraordinário virtuosismo técnico dos seus ceramistas e da larga difusão comercial dos seus cachimbos.

Este trabalho baseia-se em dados colhidos em duas visitas, uma de um dia, outra de uma semana, àquela localidade em 1951 e 1953 e numa coleção de peças colhidas naquelas ocasiões e acrescidas de materiais de 1946, 49, 54 e 56.

Os autores reconhecem, além de outras falhas, a necessidade de uma análise estilística competente das peças e uma avaliação dos aspectos artísticos da sua confecção, não pretendendo que esta comunicação seja mais que uma nota prévia ao estudo dos problemas sócio-culturais relacionados com aquela indústria.



"Cachimbeira"
trabalhando



Forno para cozer os
cachimbos



Uma velha "cachimbeira"

T.Azevedo e M.Azevedo
CACHIMBOS

O P O V O A D O D E E S T É V Ã O

4

O povoado de Estêvão situa-se a cerca de 15Km a sudeste da cidade de Alagoinhas (E. da Bahia), coincidindo exatamente com uma mancha de vegetação medianamente densa em meio a uma área semi-desértica de taboleiro que se estende por vários quilômetros em redor, terreno arenoso e vegetação típica, constituída de capim agreste, sapé, mangabeira, cajui, candeia. Há na região manchas de terreno siltoso, rico em caolim ou tabatinga, e de argila pardacenta, de grãos finos, que serve para cerâmica leve mas não se presta para olaria nem para obras volumosas como moringas, potes e outras peças de torno.

Passando pelo aglomerado há um riacho, o Rio da Calú, que alimenta, em suas margens, uma estreita faixa de vegetação alta e esguia, espécie de "mata de cipó"; esse riacho, coadjuvado por um córrego tributário, forma pequenos brejos aproveitados para a plantação de verduras. Apesar da relativa abundância de água, a extrema pobreza do terreno reduz a uma lista insignificante os elementos do meio fornecidos à economia local: mamoninha (planta de cujo caule se faz o "canudo" dos cachimbos), tiririca (palma utilizada na cobertura das casas), lenha miúda para fôrno, alguns produtos medicinais e a série de plantas cultivadas para consumo ou comércio. O próprio barro para os trabalhos de cerâmica vem de barreiros situados a uma légua e meia de distância.

O mato alto capaz de fornecer lenha para fabrico de carvão e madeirame para a construção das casas já não se encontra sinal a uma e duas léguas afastadas.

A exploração dos escassos recursos do meio na região fez com que em torno do povoado se formasse um cinturão estéril que gradativamente se alarga.

Em suas relações com a região Estêvão tem duas principais vias de acesso (estradas apenas carroçáveis), uma para Alagoinhas e outra para Sítio Novo, localidade à margem da Estrada de Ferro Leste Brasileiro. As localidades circumvizinhas, com as quais Estêvão mantém relações comerciais ou sociais, são: Quiricó (onde também se fabricam cachimbos), Capoeira e Gameleira (onde se tira madeira e se faz carvão vegetal), Cambuí (onde se fazem peneiras), Sapatinho (cal-

çados), Tiririca (que fornece barro), Trissuma, Junçara, Andorinha, Papagáio, Papagainho, Tingui, Milagre de Jesus, Maria José, Macaquinho e Saco de Lagoa.

Estêvão é o nome da única capela primitivamente existente na área; hoje é o largo formado por esta capela e mais 5 casas, dispostas em dois grupos, - um de duas, outro de três delas. Todas as demais habitações dispõem-se mais ou menos uniformemente a distâncias de cerca de 200 metros umas das outras em meio às roças. Não existe propriamente uma "rua" ou "comércio" com as funções características desses centros; a capela e o cemitério, pequena área cercada de um muro de adobe, e uma vendinha são as únicas edificações de utilidade comunal. A população local conta cerca de 243 habitantes residindo em 54 casas. Embora se possam sentir diferenças econômicas consideráveis entre as famílias, as casas variam quase apenas em tamanho e grau de conservação; algumas são cobertas de palha mas em geral têm telhas, chão de terra batida, paredes de sopapo alisado e caiado. Em torno das mesmas vêm-se árvores frutíferas como jaqueiras, mangueiras, limeiras, cajueiros, alguns pés de café, plantas ornamentais (como crôtons e outras) e, a pequena distância, as lavandas de subsistência, - mandioca, milho, laranja, etc.

A casa é retangular com telhado de duas águas. Na frente tem uma sala e um quarto, no fundo a sala de jantar e outro quarto; algumas têm uma puxada para cosinha. A não ser em uma das habitações melhores, a qual tem uma despensa, os gêneros de consumo e os utensílios de cosinha guardam-se em uma prateleira debaixo do fogão, que é feito de barro, ou num dos quartos de dormir. Nalgumas das casas vêm-se, na parede da sala, flores, pássaros e outras figuras pintadas a tinta d'água, ao lado de estampas de santos, de algum retrato, folhinha, cromos. O mobiliário consta simplesmente da mesa de almoço, bancos toscos e camas feitas de quatro forquilhas enterradas no chão sobre as quais se apoiam duas traves como cabeceiras; sobre estas extendem-se as varas que constituem o lastro. O fogão é também feito de uma estrutura semelhante, recoberta de barro. Não há armários e raros são os baús. Nos quartos há prateleiras com objetos de uso e cordas extendidas de uma parede a outra em que se penduram as roupas. Toda a ferramenta da família, inclusive as peças móveis do carro de boi, é guardada dentro de casa.

Segundo os informantes a população local só aumenta com os nascimentos. Há 6 anos chegou ao povoado uma nova família e há 2 emigrou uma que havia chegado há 14 anos, sendo êsses os únicos casos dessa natureza verificados ultimamente. A média de moradores por casa é de 4,5 com a seguinte distribuição: 11 casas com 4 pessoas, 10 com 6, nove com 2, sete com 3, sete com 5, quatro com 7, três com 9, duas com 1 e uma com 8. Raramente vive mais de uma família em cada casa ou pessoas que não tenham parentesco de 1º grau com o chefe.

O tipo físico predominante na população é o mulato, havendo brancos e mulatos claros, alguns com traços levemente mongólios como olhos com esboço da dobra palpebral típica e maçãs salientes. Só existe uma pessoa realmente escura, a velha Bibiana Preta, assim chamada para distingui-la de uma Bibiana branca. As condições sanitárias parecem razoáveis, não havendo paludismo atualmente apesar das coleções d'água; o Serviço Nacional de Malária costuma visitar a região, dedetizando as habitações.

Não há escola no local; o nível educacional da população não vai além do curso primário e isto para a geração mais velha, pois há cerca de 8 anos morreu a única pessoa que se dedicava a ensinar aos meninos.

Os habitantes de Estêvão dedicam-se principalmente à lavoura da mandioca para fabrico de farinha bem como de legumes e verduras que levam a vender na feira semanal de Alagoinhas, e ao cultivo da laranja, que é também objeto de comércio. Os laranjais são pequenos (80 a 100 plantas). As propriedades têm as suas áreas subdivididas em partes dedicadas às árvores frutíferas e outras respectivamente plantas com a mandioca e o capim para os animais de carga e os bois de carro e de carga.

O sistema de ocupação da terra é o do aforamento ao município de Alagoinhas. Quatro lotes têm cerca de 30 tarefas de superfície; os demais oscilam em torno de 5 tarefas. Numa mesma roça moram, às vezes e sempre em casas separadas, diversas famílias parentadas que cultivam a mesma terra. Sete famílias não têm pago o aforamento das terras que ocupam e por isto, em geral, não fazem roça temendo verem-nas reclamadas a qualquer momento, já que as suas

rendas não lhes permitem pagar ao município; dezenove outras, não tendo terra própria, ocupam pequeninas áreas de outras famílias.

As roças têm, habitualmente, alguma mandioca para consumo da família. Há, porém, roças de produtos destinados ao comércio como laranja, milho, batata doce, andú, mangalô, tomate, pimentão, etc. O plantio do amendoim foi abandonado devido à impopriedade do terreno. Em localidades próximas a população adquire esterias, peneiras, calçados; a madeira e o barro, como já foi dito, são trazidos de outros pontos. A farinha produzida mal dá, em sua totalidade, para o consumo local, embora algumas famílias possam, uma vez ou outra, levar a Alagoinhas um saco que excede do seu gasto. Mas na maioria das casas a produção é insuficiente e certas famílias, forçadas pela necessidade, arrancam as raízes ainda verdes, formando-se assim um círculo vicioso, pois a mandioca verde rende menos e a solução é amiudar o processo, donde resulta na falta completa do tubérculo quando chega o tempo oportuno da colheita; por isto os membros de algumas daquelas famílias mais pobres prontifieam-se a ajudar nos trabalhos de fabricação da farinha de outras casas, em troca de um pouco do produto e de beijús. São principalmente as mulheres que costumam recorrer a este expediente.

O carvão vegetal talvez seja a maior fonte de renda da localidade, pois, embora certos lavradores de laranja façam algum dinheiro durante a respectiva safra, o carvão é que constitui, durante todo o ano, o forte da economia de cerca de 22 famílias. Dedicam-se, de preferência, a esta atividade as famílias que ocupam terras mais fracas e que por não terem braços suficientes para fazerem roçados grandes nem recursos para manterem em dia os pagamentos do fôro, não vivem da agricultura. O fabrico do carvão, além do mais, é um trabalho que pode ser feito por um só indivíduo, quase sempre o chefe da família.

Sendo embora uma atividade muito generalizada, o carvão também porporciona uma renda mínima por isto que a madeira é trazida de muito longe e o seu corte é pago ao alto preço de R\$1.000,00 por tarefa. A razão desta preferência é, em primeiro lugar, a existência de um mercado fixo em Sítio Novo, que, por sua vez, exporta o produto para a Capital, e, em segundo lugar, o fato de a produção independe das estações. De outro lado as famílias que dependem des-

sa indústria não têm lavouras que rendam o necessário para as despesas nas entre-safras.

Excetuando as galinhas criadas soltas em torno de casa, não há quase criações. Uma família possui umas duas cabeças de gado e outra, proprietária do único carro do povoado, tem 10 bois de tração. Algumas têm um cavalo, de que se utilizam para levar e trazer coisas da feira, inclusive de vizinhos e parentes. A criação de porcos, que, segundo os informantes, poderia ser rendosa, é dificultada pela escassez de madeira para os cercados.

Dezessete famílias, em Estêvão, vivem de agricultura e entre estas contam-se as de melhores condições econômicas. Em quatro delas há quem faça objetos de barro, não em caráter permanente pois no inverno, isto é na estação chuvosa do meio do ano, quando todas as atenções se voltam para a terra e o trabalho com barro se torna mais penoso, essa atividade é suspensa. Entre as 22 famílias que se sustentam com a fabricação do carvão, sete existem com membros que fazem cachimbos, pois, apesar do carvão ser atividade permanente, não basta para a subsistência de muitos.

A produção de objetos de barro é a base econômica de 9 famílias, chegando a constituir para algumas a fonte exclusiva de renda; duas delas fabricam também o "cabo" ou tubo do cachimbo. Quatro casas se mantêm com o trabalho assalariado de seus moradores, e duas senhoras, que vivem sós em casas separadas, não têm nenhuma renda; uma delas vende pequenas quantidades de linha de algodão que, vez por outra, ela mesma fia. Há ainda em Estêvão quem exerça, em caráter complementar de suas atividades habituais, as seguintes ocupações: cabeleireiro (2, pai e filho), carpinteiro, coveiro, costureiras (3 moças) e pequeno vendeiro.

Em face do quadro acima podemos perceber a existência de duas camadas econômicas que se diferenciam tanto pelo valor de suas casas e tamanho de seus terrenos quanto pelo tipo de atividade econômica dos seus membros ativos: a) o grupo das 4 famílias que ocupam terras maiores e têm lavouras mais estáveis; pertence a este grupo o proprietário do carro de bois que faz o transporte de madeiras, laranja e mesmo pessoas; além disto, 13 famílias cuja renda lhes permite certa suficiência; alguns desse estrato têm roças fora da área local e podem ir, uma vez ou outra, à Capital do Estado a passeio;

b) o grupo das 37 famílias restantes com menores recursos e de condições mais ou menos idênticas entre si, exceção das ainda mais pobres que vivem de fazer cachimbos ou que dependem da ajuda dos vizinhos.

A distinção feita acima, indispensável para a compreensão da dinâmica da indústria de cerâmica, ainda que possa servir à caracterização de um incipiente sistema de classes local, não opera na vida quotidiana de Estêvão.

O aglomerado de habitações dispersas no campo funciona como um todo em que as oportunidades para atividades de grupo são os "adjutórios" para fazer uma roça ou tapar uma casa, as rodas de jogos de mesa (sobretudo o dominó), as idas à feira e particularmente as remas, a missa anual do povoado, os sambas nos dias de Santa Luzia, São Cosme e São Damião, Nossa Senhora da Conceição, Todos os Santos, Natal e São João, assim como por ocasião dos batizados e dos raros casamentos religiosos.

A família se constitui, na maioria dos casos, por uniões livres; os raros casamentos religiosos celebram-se em Alagoinhas e são seguidos de celebrações que podem durar até três dias com samba e comedorias oferecidas pelos pais da noiva. As uniões livres se realizam sem cerimônias especiais entre moças e rapazes em geral muito jovens, que se acomodam em casa da família do rapaz até que este possa construir para a nova família uma casinha no terreno de seu pai ou de um parente mais chegado; a moça reduz-se a levar consigo, para o seu lar, a roupa de seu uso.

Com a mesma naturalidade e informalidade com que se formam novos lares, também se desfazem as uniões existentes, ficando os filhos do casal com parentes maternos ou com a mãe se isto não perturba uma nova união.

Um aspecto da organização social que ajuda a compreender o status das pessoas que se dedicam à confecção de cachimbos é que a divisão de trabalho pelas linhas de sexo define muito nitidamente as atribuições de homens e mulheres desde a infância.

Os meninos começam a fumar às vezes aos 4 anos de idade, andam despidos até os 7 ou 8 anos, muito cedo acompanham os pais nas idas ao "mato", pegam cavalos no pasto, viajam sós para longe. Com 14 ou 15 anos começam a plantar um pedacinho de roça ou a fazer

pequenos serviços remunerados, a frequentar as rodas de homens, a conduzir animais à feira, a sair em grupo para caçar, e assim vão lentamente escapando do controle dos pais e a assumir papéis caracteristicamente masculinos. Às vezes não adquirem profissão certa, passando longos períodos fóra de casa; mas ao voltarem permanecem em casa sem tomarem parte nas atividades da família.

As meninas são sujeitas a um controle muito mais estrito. Geralmente só andam despidas nos primeiros anos de idade e só brincam com outras meninas ou com seus irmãos menores; não tardam a ser encarregadas dos irmãosinhos pequenos e a desempenhar algumas tarefas caseiras; não saem com os pais e só crescidas acompanham as mães à feira ou a uma saída mais prolongada; apesar de lidarem com cachimbos, habitualmente não começam a fumar sinão em torno dos 12 anos. Também não vão sósinhos à feira a não ser depois que constituem sua sua própria família e, com exceção de pequenas economias feitas com a confecção de cachimbos, não têm como dispôr de meios para certa independência económica.

C A C H I M B O S E "P A L I T E I R O S"

Segundo as duas cachimbeiras mais afamadas e idosas, mulheres irmãs com cerca de 70 anos de idade, o introdutor da indústria na localidade teria sido um seu tio-avô, João Faleiro, o qual, encontrando antigos cachimbos indígenas, lembrou-se de imitá-los. Dizem elas que o achado se deu nas proximidades do local em que hoje se tira o barro e que os cachimbos pertenceram aos "tapúios bravos". Entretanto, ninguém, a não ser essas informantes, conhece as origens dessa atividade. A alta elaboração das técnicas de fabrico e dos tipos e estilos dos pitos faz supor, todavia, que se trate de uma indústria muito antiga.

A cerâmica local pode ser dividida em:

- a) confecção de cachimbos
- b) confecção de paliteiros, animais, figuras humanas, castiçais, apitos.

Embora o fabrico de paliteiros e figurinhas para as "lapinhas" e presépios seja uma atividade para mulheres, meninos e até homens, o preparo de cachimbos é feminina por excelência, deprimamente e de ordinário detestada, ao menos verbalmente; o homem que a pratique é mal visto. A indústria conhecida como fabrico de "paliteiros" inclui a confecção de figuras humanas, de animais e castiçais, peças cujas dimensões não excedem 12 a 15 cms. Os paliteiros têm sempre a forma de animais, sendo comuns os bois, cavalos, coelhos, tatus, cachorros, aves; as mesmas representações se fazem em tamanhos variados para adornar os presépios. Conquanto essas peças sejam denominadas genericamente de "paliteiros" e tragam perfurações que permitem usá-las como tais, as próprias fabricantes sabem que são utilizadas como objetos de adorno ou brinquedos de criança sem que por isto deixem de prepará-las daquela modo. Isto nos leva a pensar que aquelas perfurações constituam um tipo de tratamento de superfície, sendo talvez a sua denominação e uso como paliteiro uma reinterpretação funcional.

As figuras humanas compreendem mulheres de pé com os

braços ao longo do corpo ou as mãos na cintura, de pé carregando alguma coisa na cabeça ou sentadas sobre um cubo de barro, mulheres montadas a cavalo em selim de banda e, menos frequentemente, tipos masculinos. Essas figuras não são enegrecidas mas todas elas são decoradas com frisos e partes "tintadas" a cores, dourado e prateado. Fazê-las seria sempre um prazer tanto para mulheres e meninos como para homens se houvesse tempo e barro suficientes. A sua produção extende-se por todo o ano, intensificando-se pouco antes do Natal através todo o verão quando as feiras de Alagoinhas atraem mais numerosa freguesia.

Aliás, toda a produção cerâmica se incrementa naquela época e as razões para isto são: 1) maior facilidade de extração e secagem do barro; 2) diminuição das atividades agrícolas devido ao estio; 3) procura maior por parte dos comerciantes que nessa época iniciam suas viagens de revenda. Com efeito os cachimbos de Estevão podem ser encontrados em feiras de quase todo o Recôncavo e das regiões leste e nordeste do Estado; no Recôncavo há dois centros de fabrico de cachimbos em Nagé e Maragogipinho, que estão longe de poder concorrer com aqueles tanto em acabamento como em volume de produção.

A indústria de peças de cerâmica miúda em Estevão inclui-se na série de expedientes econômicos complementares a que normalmente recorrem as mulheres da classe baixa rural para equilibrarem a renda geral da família. Do ponto de vista da comunidade local essa produção existe em virtude do baixo rendimento do nosso sistema agrícola e do caráter individualista da economia familiar em nossa cultura popular.

FASES DA MODELAGEM



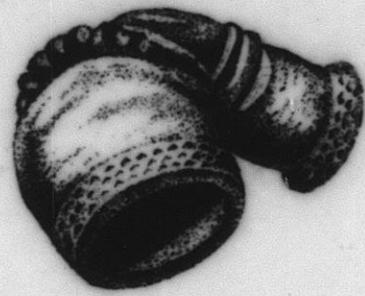
I.- Cone inicial



II.- Cone encurvado



III.- Modelagem dos
ornatos



IV.- Abertura do fornilho
e do tubo

T. Azevedo e M. Azevedo
CACHIMBOS

INSTRUMENTAL E TÉCNICA

Na confecção dos cachimbos e figuras de barro usam-se os instrumentos seguintes:

- a) Uma pedra grande e outra pequena para triturar o barro seco;
- b) 1 peneira fina para passar o barro triturado, seco;
- c) 1 cúia ou tijela para coletar o pó mais fino;
- d) 1 vasilha com água;
- e) 1 tábua sobre a qual se amassa o barro;
- f) 1 baláio em que são colocadas as peças, depois de cortadas e alisadas, para secar; em seu lugar por ser usada uma cabaça quando as quantidades são reduzidas; esses recipientes são sempre forrados de folhas verdes;
- g) "faquinha de cortar" com a qual se regulariza a superfície externa das peças; pode ser uma lâmina de faca comum, devidamente polida, ou uma lâmina especial de ferro feita por meninos filhos de um antigo ferreiro da localidade;
- h) 1 bucha de pano molhada em querozene ou óleo de coco que, antes de alizar, se passa sobre as peças para "dar brilho";
- i) 1 "listrador", bastão de madeira dura (páu-d'arco, candeia, jitai, miroró) com cerca de 20 cm de comprimento, 1cm de largura e 0,5cm de espessura, usado para "bordar" os cachimbos. Metade do "listrador" é mais ou menos roliça e termina em forma circular, o que permite imprimir na massa ainda úmida de certos tipos de cachimbos, pequenos círculos vasados; a outra metade é lavrada a canivete, em uma de suas faces, em quadriculados finos perpendiculares ou oblíquos; do lado oposto há uma série de linhas paralelas, enviezadas; uma das arestas é, às vezes, recortada em "serra" ou dentes miúdos; esse instrumento é feito por meninos especializados e serve para imprimir seus desenhos e recortes nas peças;
- j) 1 "alisador", lâmina lisa de metal ou de madeira polida, feita também pelos meninos, usada para alisar a superfície exterior dos cachimbos antes da cocção dos mesmos; em seu lugar pode ser usado o cabo de uma colher;
- k) 2 "furadores", peças de metal preparadas pelos meninos ou aproveitadas de facas usadas, uma estreita para abrir a caidade do "cabo" ou "pé" do cachimbo, outra mais larga para abrir a "boca" ou forno.

O forno para cocção das peças é um cilindro ôco de barro com 80cms de altura e 40cms de diâmetro, tendo uma grelha de

ferro a meia altura e uma abertura na base para a introdução da lenha; é construído no chão e raramente em local coberto.

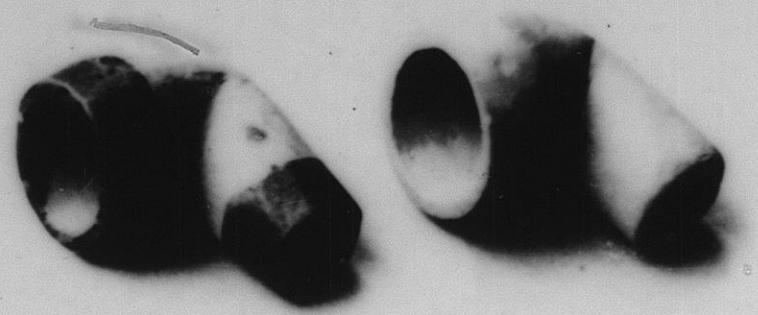
Os instrumentos acima descritos são de uso estritamente pessoal, pois cada cachimbeira tem seu modo particular de usá-los. Muito novos ou velhos demais são difíceis de ser usados. Podem variar ligeiramente em seus detalhes menos importantes, mas as linhas gerais são as mesmas em todos.

Os objetos de madeira são mais baratos que os de ferro. Embora seus preços nunca vão além de uns poucos cruzeiros e a sua durabilidade seja relativamente longa, a falta de recursos faz com que certas cachimbeiras não possam substituí-los frequentemente; sujeitam-se, por isto, a usá-los já muito gastos ou a substituir os de ferro por facas velhas, pedaços de arco de barril e cabos de colhérés quebradas.

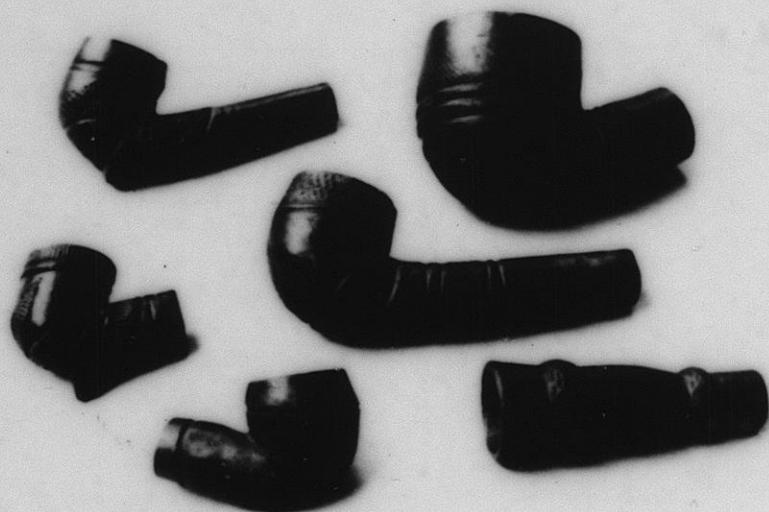
Nem todas as fabricantes possuem fôrno próprio. Neste caso levam a sua produção para ser queimada num canto de fôrno ao lado dos cachimbos de outra, ou numa fornada à parte quando a proprietária do fôrno já concluiu seu trabalho.

A matéria prima utilizada é o barro trazido de uma distância relativamente grande, como já foi dito, pelo pái, irmão ou filho da fabricante ou ainda por um estranho que para isso é remunerado. O "canudo" é feito de madeira de mamoninha, cuja casca se raspa; com um fio de arame frio perfura-se o orifício ou "luz" do tubo; às vezes "borda-se" o canudo com a ponta em braza de um arame. Essa peça é fornecida por meninotes que as preparam. As tintas e pós dourados e prateados com que se decoram alguns tipos de peças são comprados no comércio de Alagoinhas. A lenha para os fôrnos e as folhas para enegrecimento das peças são colhidas pelas próprias cachimbeiras nos arredores da localidade.

A preparação de uma partida de cachimbos exige uma semana de trabalhos, tomando todos os dias úteis e às vezes entrando pela noite. Nas segundas-feiras o "barro de cachimbo", uma argila fina, acinzentada e gorda, é retirado dos barreiros e transportado em lombo de animais ou na cabeça: entregue às cachimbeiras, é posto a secar até o dia seguinte, quando é quebrado entre pedras e peneirado, reservando-se a parte mais finamente triturada para acabamento



Cachimbos do tipo I



Alguns tipos de cachimbos

T. Azevedo e M. Azevedo

CACHEMBOS

das peças e retirando-se cuidadosamente qualquer pedrinha ou corpo estranho que possa ocasionar a quebra das peças durante a queima.

A quarta-feira é o dia de modelar as peças com o barro molhado e amassado no mesmo momento. Toma-se uma certa porção dessa massa e "froja-se", isto é molda-se com a mão um cone de uns 12cms de comprimento e 2cms aproximados de diâmetro, a qual se regulariza rolando-a sobre uma tábua lisa; com uma das mãos calca-se o extremo mais espesso para engrossá-lo mais e, em seguida, dobra-se essa peça em ângulo mais ou menos reto (o cachimbo dobrado em ângulo reto é chamado pitôrra). Assim grosseiramente moldado, o cachimbo é colocado no chão ou dentro de uma cabaça para secar em casa, ao abrigo do sol, de um dia para o outro.

Na quinta-feira, a modo de quem descasca uma laranja, "corta-se" a superfície dos "frojados", dando-se-lhes forma definitiva. Depois engordura-se a peça para então alisá-la. Por último o cachimbo é decorado com o "listrador" e furado, isto é abrem-se a "boca" e o "pé". O processo de decalcar os desenhos com o "listrador" é denominado de "bordar". Durante toda essa fase a fabricante, de quando em vez, bate levemente com a face da faca na superfície das duas extremidades da peça, como para consolidá-las, movimento que pode ser sem "utilidade" mas um mero tique profissional. Completamente modelado, o cachimbo é posto a secar ao sol durante o resto de dia.

Sexta-feira cedo começa-se a arrumar as peças sobre a grelha do forno e acende-se este. Quando o fogo atinge seu máximo cobrem-se as peças com uma camada de brasas que, dali em diante, vão-se queimando gradualmente, ao mesmo tempo que a lenha colocada debaixo da grelha. Cessado o fogo, que para uma fornada comum, de 5 centos de cachimbos, dura cerca de 2 1/2 horas, as peças permanecem ali até à noitinha quando, já esfriados, se tiram.

Os cachimbos queimados ficam "vermelhos" (amarelo-avermelhado) e muitos são vendidos nesse estado. Para satisfazer a certas exigências dos consumidores e, por tal modo, obter melhores preços, os cachimbos são enegrecidos ou "tintados". Para enegrecê-los, os cachimbos, depois de cosidos, são entremeiados, ainda no forno, com folhas verdes de candeia, cajueiro ou murici, cuja fumaça rapidamente escurece as peças. A decoração a tinta é feita depois do

cosimento e resfriamento, sendo praticada por poucas pessoas que, não raro, compram a produção de outras para ajuntar à sua antes do processo. A pintura consiste em dourar ou pratear o cachimbo e, a seguir, decorá-lo em torno da "bôca" e do "pé" com círculos verdes e vermelhos alternados, padronagem que é constante, qualquer que seja a sua autora. Podem-se também pintar pequenos discos dessas cores sobre o fundo dourado ou prateado. Ordinariamente só são "tintados" os cachimbos de um determinado tipo, o denominado "arranca tóco".

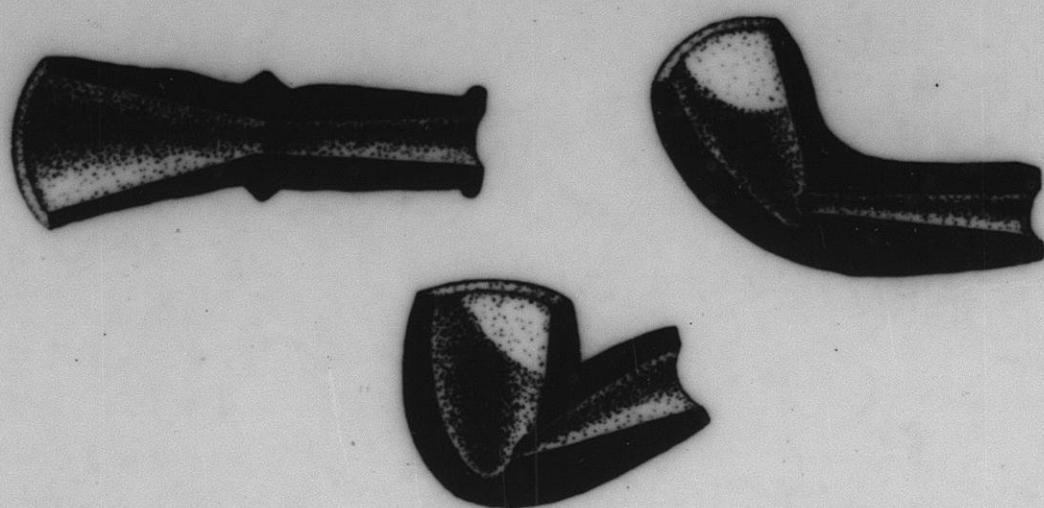
No sábado, que é o dia da feira, as partidas são levadas para Alagoinhas pelas fabricantes, pessoas de suas famílias ou pelos revendedores, em pequenos baláios, cúias, sacos ou enfiados, como rosário, em palha de licurí.

Isto acontece quando os cachimbos são vendidos prontos, porém estes podem ainda ser vendidos (a) crús a alguém que os cose ao fôrno e revende, ou (b) "vermelhos", sobretudo do tipo "arranca-tóco", para serem "tintados" e revendidos. Nesses casos dão menor lucro às fabricantes, sendo que apenas 5 delas comparecem regularmente à feira de Alagoinhas.

Uma mulher produz, no comum, 2 até o máximo de 5 centos de peças por semana. Numa casa onde trabalhe mais de uma pessoa podem-se produzir mesmo 15 centos. O lucro desta atividade é, em geral, gasto nas despesas comuns da família; mesmo quando retido inicialmente pela fabricante, acaba por ser gasto nos momentos de dificuldade no orçamento da casa. Abre-se uma exceção apenas para alguma moça ainda solteira vivendo com os pais, se estes têm melhores condições; nesse caso o lucro é utilizado individualmente.

As crianças, não frequentando a escola, têm a oportunidade de acompanhar todas as atividades paternas. Desde cedo, às vezes antes dos sete anos de idade, as meninas começam a pegar no barro. Assim, com bem pouca idade já são capazes de ajudar as suas mães no trabalho ingrato dos cachimbos e no passatempo do fabrico de "paliteiros", que os meninos também modelam mas sem obrigação. Mas o lucro do trabalho das meninas pertencem aos seus pais até que aquelas "sáiam de casa" ou as condições econômicas da família melhorem. Os meninos, muito cedo também, começam a acompanhar os pais e isto os afasta de casa e da direção exclusiva da mãe, o que talvez expli-

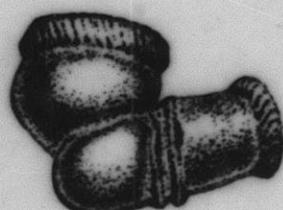
CORTE LONGITUDINAL DAS FORMAS BÁSICAS



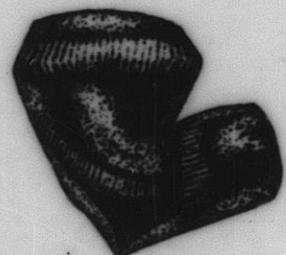
ESTRUTURAS



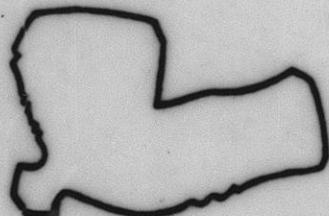
Tipo I



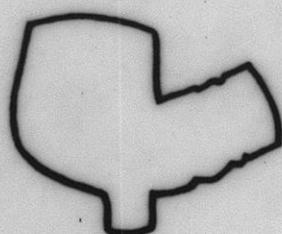
Tipo II



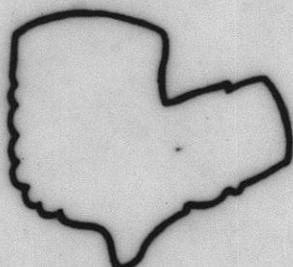
Tipo III



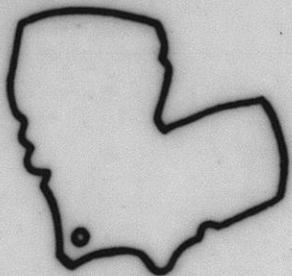
Esferoide



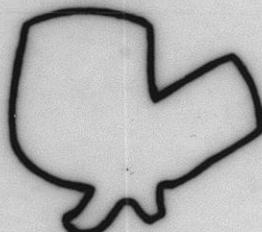
Cilindroide



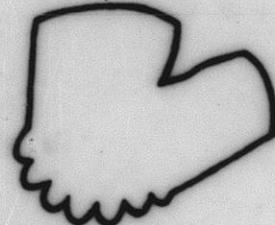
Cone



Cone duplo
com perfuração



Cone fendido



Serrilhado

que que os homens não se dediquem profissionalmente à cerâmica.

Convém notar, a propósito, que, sendo o trabalho de fazer cachimbos uma atividade doméstica, realizada a maior parte do tempo na sala do fundo ou na cosinha, justifica-se que seja conceituado como trabalho de mulher.

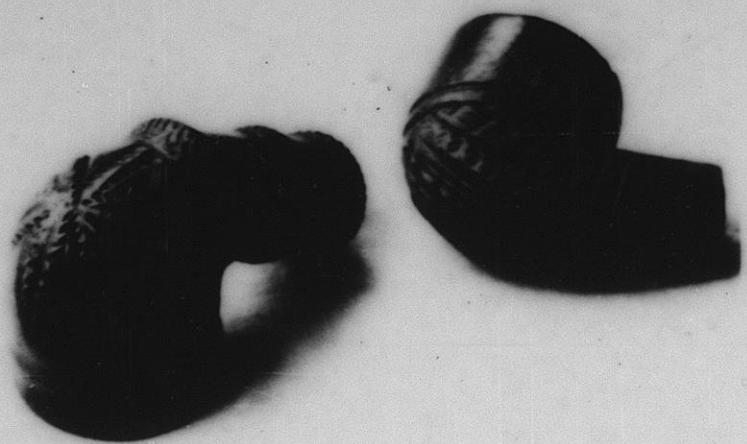
T I P O S E V A R I E D A D E S

D O S C A C H I M B O S

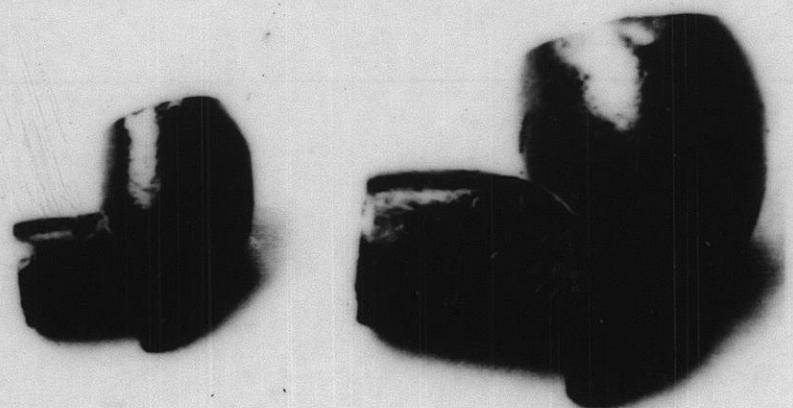
Os cachimbos são produzidos, em Estêvão, numa variedade relativamente grande de tipos, conhecidos por denominações populares de caráter descritivo tais como: de carregação, pitôrra, ranca tóco, de cintura, botina, boca de dedal, de umbigo, de quina, lisinho, biquinho, de coco de serra. O tamanho médio das peças é: altura 3cms., comprimento 4cms., diâmetro do fôrno 2,2cms diâmetro do "pé" 1,3cms comprimento do canudo 16cms, diâmetro 0,7cm. Por ocasião de festas produzem-se, para usar como brincadeira, peças muito pequenas ou muito grandes, os últimos com o dobro do tamanho médio ou pouco mais.

Os tipos preferidos dos consumidores são o "lisinho", o "botina" e o "boca de dedal", além dos "tintados", que superam todos os demais quando prontos (antes de "tintados", o tipo que recebe esse tratamento, o "ranca tóco", é considerado dos mais feios); aqueles são também os que alcançam mais altos preços, e os que as próprias "cachimbeiras" acham mais bonitos. Os cachimbos "vermelhos", tais como ficam ao serem retirados do fôrno, são considerados mais feios do que os defumados (pretos).

Fazendo uma análise dos cachimbos, quanto ao ângulo formado entre o eixo do fôrno e o "pé", verifica-se que nos tipos comuns esse ângulo atinge no máximo a 90º gráus; fabrica-se um tipo tabular cônico ("cigarreira") em forma retilínea ou recurvado em ângulo de mais de 90º. No cachimbo comum o "pé" ordinariamente não ultrapassa 1,5cm, mas essa dimensão pode atingir até 6cms. nalguns exem-



Padrões de decoração



Tipos de apêndices

plares.

Do ponto de vista de sua composição, os cachimbos apresentam três tipos fundamentais: 1) aquele em que fôrno e "pé" constituem uma forma contínua; esse é a forma mais elementar, decorrente por assim dizer do simples encurvamento do cone de barro com que se inicia a moldagem; 2) um tipo em que o fôrno e o "pé" apresentam-se como elementos distintos de maneira que o primeiro parece assentar sobre o último e a decoração distribuí-se de modo autônomo naquelas duas partes; essa variedade constitui uma forma mais elaborada na qual se nota a preocupação de interpretar as funções daquelas duas partes; 3) finalmente, um tipo também decomposto naqueles dois elementos e no qual aparece, entre o fornilho e o canal uma zona de ligação com decoração própria.

Os tipos mencionados acima têm na fase de modelagem o mesmo formato; a sua diferenciação é feita por ocasião de serem "cortados", fase em que também são abertos o fornilho e o canal por desbastamento interno da massa. Em qualquer tipo o esquema interno é o mesmo, isto é, dois espaços cônicos, o cone horizontal do "pé" inserindo-se um pouco acima do vértice do cone do fôrno.

Essa uniformidade estrutural comprova que os Tipos 2 e 3 são provavelmente resultado da interpretação plástica da forma e função daqueles dois elementos.

"Cortados", os cachimbos já apresentam todos os seus volumes definidos; na última fase da confecção (polimento, decalque, defumação ou coloração), visam-se apenas os efeitos de textura. Embora cada tipo básico condicione a distribuição dos ornatos, a escolha destes fica a cargo do ceramista, que então tem maior oportunidade de criação pessoal. Alguns cachimbos costumam apresentar pequenas saliências na região do ângulo distal. É provável que tais apêndices tenham tido inicialmente mais que um simples sentido decorativo por duas razões: primeiro, pela sua ocorrência em qualquer dos três tipos fundamentais, e obrigatoriamente no Tipo 3; segundo, por se apresentarem já na fase de modelagem e, portanto, antes de se diferenciarem aqueles tipos.

Do ponto de vista técnico, pois, esses apêndices diferem das cintas em baixo relevo deixadas por ocasião da cortagem em alguns cachimbos e de efeito meramente decorativo. Essas saliências

apresentam-se com a forma de cilindros, esferas, cones e quilhas de altura aproximada de 5mm. Os dois primeiros encontram-se nos Tipos 1 e 2; os cônicos, simples ou duplos, são característicos do Tipo 3, embora apareçam no primeiro tipo. Às vezes um destes cones é perfurado transversalmente. Os apêndices em quilha têm normalmente a aresta denteada ("serra") e aparecem muito raramente e sempre no Tipo 1.

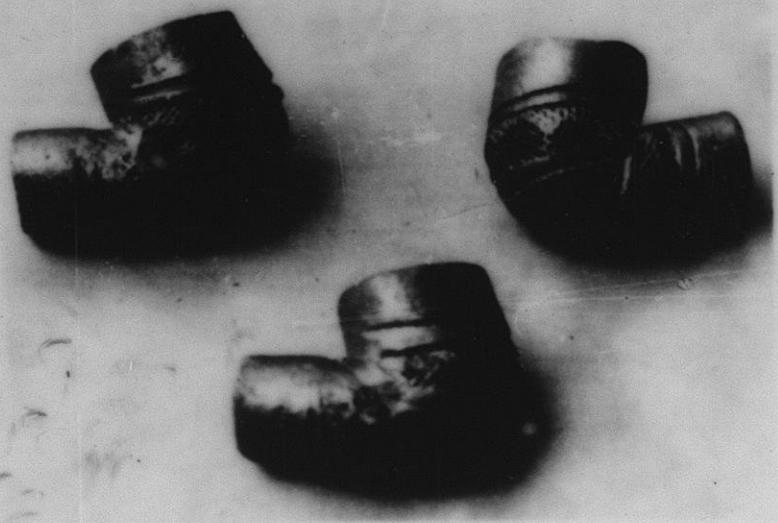
Os cachimbos de cone perfurado são geralmente os do Tipo 1, de forma mais elementar, o que faz crer que essa perfuração representa uma função que nos outros moldes de apêndices é somente sugerida. Efetivamente aquelas peças são trazidas às feiras enfiadas, pelo referido orifício, em uma fibra vegetal a modo de rosário ou colar, (ao passo que os outros modelos são enfiados pela luz do canal e do fôrno), e constituem um dos tipos mais frequentemente encontrados à venda fora de Alagoinhas.

Os apêndices cônicos, por natureza menos autônomos em sua forma que os cilíndricos ou esferoides, interferem mais em toda a composição da peça, tendo provavelmente na sua evolução determinado a forma dos cachimbos de tipo 3, onde eles se acham perfeitamente integrados e se apresentam obrigatoriamente.

A decoração, de maneira geral, consta de frisos (faixas em decalque e anéis em baixo relevo) desenvolvidos em torno das superfícies cilíndricas. Os espaços entre os frisos podem ser preenchidos com decalques de padrões geométricos.

O único elemento figurativo que aparece na decoração é uma flor de 3 a 5 pétalas, às vezes com haste, alcançando em alguns exemplares uma alta estilização, por ex. duas barras cruzadas em X ou dois leques opostos pelos vértices.

A maioria dos cachimbos é submetida ao processo de enegrecimento, especialmente os de forma mais movimenta (Tipos II e III), raramente deixados em sua cor original ("vermelhos"); o único modelo que se costuma "tintar" (dourados ou prateados, com discos vermelhos e verdes alternados sobre os frisos decalcados) é o "ranca ~~to~~ co" (do Tipo I), o qual, quando não submetido a esse processo, é considerado muito feio.



Exemplares do tipo 'ranca tóco
"tintados"



Cachimbos antropomorfos

T.Azevedo e M.Azevedo

CACHIMBOS

Os únicos casos de cachimbos figurativos em sua estrutura são os antropomorfos, em tamanhos variados porém sempre maiores que os usuais, de sentido caricato e usados "por brincadeira" no carnaval. Em meio a uma das partidas que nos foram enviadas de Estêvão encontramos um exemplar (Tipo II) em que o "pé" representava uma ave cuja cabeça correspondia ao apêndice esferoide que aquele tipo de cachimbo costuma trazer.

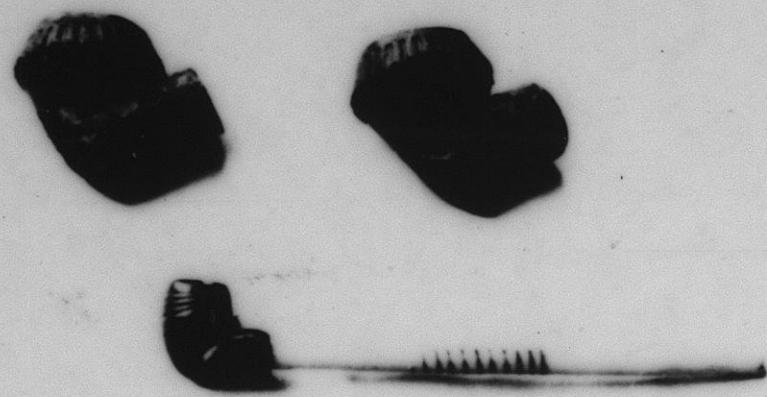
C O N S I D E R A Ç Õ E S F I N A I S

Vimos como a indústria de cerâmica em Estêvão (Alagoas) apresenta uma característica peculiar no que se refere às atitudes e valores ligados respectivamente às suas duas especializações: cachimbos e figuras.

Desde que essa indústria de peças leves é ali atividade absolutamente autônoma, isto é não complementar de qualquer outra esfera de produção cerâmica, a distinção acima exprime uma ordem de precedência econômica daquelas especializações, em que a primeira é complementada pela segunda.

Com efeito, a confecção de cachimbos constitui atividade permanente e comercialmente estável, enquanto que a de figurinhas, muito inferior em volume, limita-se quase ao período das festas de fim de ano e não ocupa as ceramistas de modo contínuo. Os cachimbos têm, além disto, uma superidade de ordem técnica; os instrumentos com que se trabalham as figurinhas são primariamente feitos para a confecção dos primeiros. Por exemplo, os olhos de animais e figuras humanas são decalcados com a extremidade mais fina do "listrador", com a qual se imprimem pequenos círculos em certos tipos de pitos; da mesma forma, a boca daquelas figuras e animais são recortadas com os "furadores". Em conjunto estes objetos são menos perfeitos em seu acabamento, apresentando irregularidades de superfície, descontinuidade ou falta de simetria nos frisos e pinceladas de efeito ornamental ou figurativa.

Essa relativa imperfeição de acabamentos decorre, primeiro do fato de essa peças serem feitas por pessoas sem a prática



Cachimbos dos tipos I e III



Uma "fieira" de cachimbos

T. Azevedo e M. Azevedo

CACHIMBOS

constante do trabalho com o barro (homens que fazem-nas em horas de lazer, crianças, visitantes que aparecem em casa da ceramista etc.) e, em segundo lugar, provavelmente pelo maior interesse pelos aspectos figurativos. Essa tendência à esquematização é evidente na maneira como se assinala cada elemento anatômico isolado por meio de variações de cores ou exagero de proporções (nos bois os chifres, as orelhas e a cauda são bastante volumosos e "tintados" com cores diferentes) ou, ainda, pela mutilação de partes menos significativas (supressão das mãos e mais raramente dos pés nas figuras humanas). Verifica-se também que a confecção das figuras toma mais tempo por unidade e requer mais cuidados pois qualquer descuido na modelagem o casiona o quebramento das peças no forno; em compensação alcançam preços muitas vezes mais altos do que os dos cachimbos e sua confecção em si está longe de ter o caráter deprimido que tem a dos últimos.

Não é de estranhar que, sendo a fabricação de cachimbos uma atividade pouco compensadora a que recorrem pessoas sem outros meios de renda ou em fases de grande dificuldade e, de certo modo isto, primariamente feminina, tenha aquela indústria um conceito tão baixo na sociedade local.

Entretanto, razões dessa ordem não parecem explicar de todo o alto preço em que é tida a confecção de figuras, mas também a natureza dos fins a que estas se destinam. Realmente todo o mundo as acha lindas e, mostrando-as aos visitantes, seus fabricantes dialogam com tatus e coelhinhos como se fossem seres vivos. Eles, que dão tanto trabalho aos seus criadores, no fim fazem esquecer completamente o desagradável da lida com o barro e a sua tão alegada sujeira. Em termos de arte e indústria, fazer figurinhas é como fazer obra de arte livre, desinteressada, visando embelezar a vida e satisfazer uma criatividade consciente, num impulso lúdico de grandes e pequenos.